

## Vítimas da pobreza

(NANDA GOBBI E VIVIANE BEVILACQUA)

Em Santa Catarina, Estado com a quarta melhor renda média do país, a desnutrição é responsável por uma morte a cada 4 dias

A cada quatro dias um catarinense morre por desnutrição. Os mais atingidos são os idosos, mostram os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) da Secretaria de Estado da Saúde. Entre 2006 e 2008, das 269 pessoas que morreram da doença, 201 tinham acima de 60 anos. Isso equivale a cerca de 75% dos casos.

José Pereira dos Santos, 94 anos, não entrou nesta estatística por ter sido salvo a tempo. Morava com o irmão Manoel Thiago, dois anos mais novo, em um sítio no Bairro Rio Vermelho, em Florianópolis. Não tinham outros parentes, e viviam sozinhos. Doentes e debilitados, alimentavam-se cada vez pior. Em muitos dias suas refeições limitavam-se a farinha e bananas. Até que uma vizinha, ao visitá-los, encontrou os dois doentes, vítimas de desnutrição. Imediatamente telefonou para o padre Francisco Rohling, de Palhoça, administrador do Asilo de Idosos Casa Santa Maria dos Anjos, em busca de ajuda. O padre os levou para o abrigo. José precisou ser levado no colo, pois já não tinha mais forças para caminhar.

Passados poucos mais de três anos, José recuperou o peso e, apesar da idade avançada, não tem graves problemas de saúde. Não toma remédios e possui uma memória invejável. A única dor de José, hoje, é a solidão. O irmão morreu há algum tempo. As visitas são poucas e raras.

– Aqui é bom, cuidam bem de mim e não me falta nada – afirma.

O asilo abriga atualmente 32 idosos de várias regiões do Estado. Vários deles chegaram, também, com problemas de saúde ligados à carência alimentar.

A desnutrição – deficiência que resulta da carência qualitativa ou quantitativa de proteínas, carboidratos, lipídios, vitaminas e sais minerais – é um dos fatores que ajudam a medir a pobreza de uma população. Os outros são as condições habitacionais e de higiene inapropriadas, a falta de acesso a serviços básicos e a elevada taxa de mortalidade infantil.

A posição privilegiada de Santa Catarina nos recorrentes rankings de qualidade de vida não pode servir de biombo para esconder a pobreza. A desigualdade social também se manifesta aqui, um dos Estados mais ricos da nação. O Diagnóstico da Exclusão Social, elaborado em 2003 pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, Urbano e Meio Ambiente, indicava que dos 5.356.360 catarinenses, 1.752.908 (37,7%) eram pobres e outros 665.489 (12,4%) não tinham renda suficiente sequer para garantir sua própria alimentação.

Nos últimos anos, graças a programas como o Bolsa-Família, a situação melhorou. Mesmo assim, dados da Fundação Getúlio Vargas mostram que 4,7% dos catarinenses ainda se encontram na linha de indigência. E é justamente entre os mais carentes que se observam os casos mais graves de desnutrição, com quadros muitas vezes irreversíveis, levando à morte.

Os mais pobres concentram-se principalmente na Serra, no Planalto Norte e no Extremo-Oeste, além da periferia das grandes cidades.

A coordenadora de alimentação e nutrição na atenção básica da Secretaria do Estado da Saúde, Silvana Crippa, explica que em 2008 o Sistema de Vigilância de Alimentação e Nutrição incluiu os idosos nas análises de estado nutricional. Por ser um sistema novo, apenas 2.846 idosos foram avaliados. Destes, 13% apresentaram baixo peso. Para resolver este tipo de problema, ela defende a integração de nutricionistas ao quadro de profissionais dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf), em processo de implantação no país.

Segundo o presidente do Conselho Estadual do Idoso, Marcos Wandresen, há no Estado cerca 600 mil pessoas com mais de 60 anos.